



## **Análise do Discurso do jornal Diário do Nordeste sobre a População de Rua em Fortaleza<sup>1</sup>**

Daniel Dantas LEMOS<sup>2</sup>  
Beatriz dos Santos CAVALCANTE<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Ceará

### **Resumo**

O presente artigo tem o objetivo de refletir a respeito do discurso do jornal Diário do Nordeste sobre a população de rua de Fortaleza, levando em consideração o período de janeiro a outubro de 2012. Nossa análise se valeu da Análise do Discurso (AD), a partir, principalmente, de Brandão (2012), Orlandi (2005), Chareaudeau (2006), Dantas (2012) e Lemos (2013). Entre outras conclusões possíveis, percebemos que o discurso produzido pelo jornal a respeito da população de rua foi feito muitas vezes baseados em opiniões de quem não morava nas ruas.

### **Palavras-chave**

Análise do Discurso; Discurso da mídia; População de rua.

### **Introdução**

Este trabalho tem o objetivo de refletir a respeito do discurso construído pelo jornal Diário do Nordeste sobre a população de rua de Fortaleza, analisando os textos informativos publicados pelo jornal em 2012.

Para a análise, estudaremos os textos informativos do Diário do Nordeste, e, por fim, propomos uma reflexão acerca das convergências e divergências acerca da cobertura do jornal Diário do Nordeste a respeito da população de rua de Fortaleza.

### **Conhecendo a Análise do Discurso**

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará. Bacharel em comunicação social com habilitação em jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestre e doutor em estudos da linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: [danieldantas79@uol.com.br](mailto:danieldantas79@uol.com.br)

<sup>3</sup> Bacharel em jornalismo pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: [cavalcantebias@gmail.com](mailto:cavalcantebias@gmail.com)



Os objetivos da Análise do Discurso (AD), segundo Dantas (2012, p. 95), “passam por procurar esclarecer os condicionamentos provocados pela ideologia, entendidos como as distorções em uma compreensão responsiva, na recepção de uma formação discursiva e suas manifestações textuais”. Assim, para Lemos (2013, p. 135), importa à Análise do Discurso perceber em “que medida um sujeito, diante da manifestação de um discurso, faria, então, uma interpretação realmente ‘livre’”.

Já para Brandão (2012), o objeto da AD é o funcionamento da língua enquanto uso. Além disso, o último elemento definidor do discurso, segundo a autora, é que o falante e ouvinte devem conhecer as regras da língua para estarem inseridos em um discurso.

A Análise do Discurso também compreende “os elementos históricos, sociais, culturais, e ideológicos, que cercam a produção de um discurso e nele se refletem” (BRANDÃO, 2012, p. 21). Por isso, para quem analisa o discurso, é importante ter a consciência de que saber usar a linguagem exige de quem se comunica um saber linguístico e exterior à língua que envolve tais aspectos históricos, ideológicos e sociais.

### **Formação Discursiva**

O discurso é formado por aquilo que “pode e deve ser dito e está em relação paradoxal com seu exterior” (BRANDÃO, 2012, p. 21). E o que se diz pode ser invadido por elementos vindos de outro lugar, como, por exemplo, as páginas dos jornais, sob a forma de discursos pré-construídos e discursos transversos (BRANDÃO, 2012, p. 21). Por esse motivo, o que se diz recebe sentido da formação discursiva, a partir da formação ideológica correspondente a cada interlocutor. Assim, o sentido da palavra vai se constituindo a cada formação discursiva, ou, como no caso deste trabalho, a cada matéria sobre população de rua noticiada para os leitores, com as palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva.

Ressalta-se ainda que, independentemente de ideologia, posição social ou conhecimento a língua é a mesma. No Brasil, por exemplo, um sujeito, seja parte das classes dominantes ou subalternas, provavelmente fala em português. Portanto, a autora



explica que a língua “é indiferente à divisão de classes sociais e à sua luta, mas as classes sociais não são indiferentes em relação à língua, utilizando-a de acordo com o campo de seus antagonismos” (BRANDÃO, 2012, p. 26).

Orlandi (2005) também partilha de mesmo entendimento. Segundo a pesquisadora, assim como Brandão, “as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Mudam de sentido em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem” (ORLANDI, 2005, p. 42 - 43). Portanto, para Orlandi (2005), palavras, se vistas separadamente, podem ter o mesmo significado, porém, podem não ter o mesmo sentido por pertencerem a formações discursivas diferentes.

### **Heterogeneidade do discurso**

Authier-Revuz (2004, p.69 apud BRANDÃO, 2012, p. 35) vê o discurso como heterogêneo. Ou seja, para a autora, o discurso não surge de um único sujeito: é construído a partir de um sujeito que dialoga com outros discursos e outros interlocutores. Sendo, então, a discursividade heterogênea por ser atravessada pelo discurso do outro.

Alguns exemplos de Brandão (2012) podem ajudar a entender essa heterogeneidade do discurso. Para ela, “ao falar ou escrever, o sujeito localiza no próprio discurso que produz, o espaço desse outro para indicar território que é dele próprio” (BRANDÃO, 2012, p. 36). Segundo a autora, essa delimitação de localização do próprio discurso se faz através de índices presentes na “superfície linguística” que determinam ou marcam o lugar de cada interlocutor no discurso. Podendo, esses índices, aparecer de duas formas: “marcadas e não marcadas” (BRANDÃO, 2012, p. 36). Para entender melhor esses índices delimitadores da localização do próprio discurso, a autora cita exemplos que marcam explicitamente a alteridade:

(...) índices formais do discurso direto (verbo dizer + dois pontos); no indireto (os conectivos que ou se + mudança nos tempos verbais e formas pronominais); nas expressões (segundo, conforme, do ponto de vista de, etc). Esses marcam mais explicitamente a alteridade (BRANDÃO, 2012, p. 36).



Brandão (2012) também cita exemplos de índices que manifestam a alteridade “não marcada”:

(...) sinalizadas de forma sutil, com algum sinal que denuncie a fala (aspas, parênteses, itálico, negrito ou expressões de outra língua: cozer o macarrão al dente); o uso de gírias; jargões técnicos em discursos que essas expressões entram como corpo estranho; formas de metalinguagem, de ajuste de palavra. Essas remetem a uma alteridade enunciativa, sinalizando um sentido especial ou outro sentido, conotando na voz de um enunciador outro. O falante utiliza-se de recursos que intervêm na linearidade da cadeia enunciativa, visando à construção de uma identidade discursiva que lhe seja própria (BRANDÃO, 2012, p. 36 - 37).

Ainda de acordo com a autora, a heterogeneidade não marcada também pode vir em forma de “ironia, imitação, pastiche” (BRANDÃO, 2012, p. 37).

### **Sujeito e enunciação**

Benveniste (1976, p. 286 *apud* BRANDÃO, 2012) fala sobre o plano enunciativo do discurso e o plano enunciativo da história. O primeiro envolve um locutor e a intenção de influenciar o outro. O segundo destaca-se pelos fatos narrados e tempos verbais empregados no passado (BRANDÃO, 2012, p.29). Por enunciação entende-se o ato de produzir o enunciado para colocar a língua em funcionamento “por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82 *apud* BRANDÃO, 2012).

Outro autor que Brandão (2012) traz à luz é Ducrot, que afirma que o acontecimento se constitui pelo aparecimento do enunciado, porque a realização de um enunciado, para ele, é um acontecimento histórico.

### **Discurso da informação**

Charaudeau (2006) explica que descrever o sentido do discurso no âmbito da informação é “interrogar sobre a mecânica de construção do sentido, sobre a natureza do saber que é transmitido e sobre o efeito de verdade que pode produzir no receptor” (CHARAUDEAU, 2006, p. 40). A seguir, procuramos esclarecer as etapas desse processo:

- a) mecânica de construção do sentido



Para esclarecer o que vem a ser essa mecânica de construção do sentido é preciso entender que o sentido é construído pela “ação linguageira do homem em situação de troca social”, através de “um duplo processo de semiotização de transformação e de transação” (CHARAUDEAU, 2006, p. 41).

Charaudeau (2006, p. 41) diz que esse processo de semiotização de transformação se divide em nomeação (identificar seres do mundo); qualificação (aplicar propriedade aos seres); narração (descrever ações); argumentação (fornecer motivos dessas ações); modalização (avaliar seres, propriedades, ações e esses motivos).

Já o processo de transação consiste, para o sujeito que produz o ato de linguagem, em atribuir um objetivo a esse ato, ou seja, dar uma significação a esse ato através de: hipóteses sobre a identidade do outro; o efeito que pretende produzir no outro; o tipo de relação pretendida com o outro; e o tipo de regulação de acordo com esses parâmetros (CHARAUDEAU, 2006, p. 41).

#### b) natureza do saber

Além de interrogar sobre a mecânica de construção do sentido, Charaudeau (2006) também fala de interrogar sobre a natureza do saber, que é transmitida por quem fala, como forma de descrever o sentido do discurso no âmbito da informação.

Primeiramente o autor diz que o saber não tem uma natureza, porém, é resultado da construção do homem no exercício da linguagem a fim de tornar o mundo inteligível. Portanto, segundo ele, o saber se estrutura de acordo como o homem orienta seu olhar para o mundo. No caso do jornal a ser analisado, será visto que não existe uma neutralidade nesse saber construído. De uma maneira ou de outra o saber é direcionado pela visão de quem escreve, podendo, esse saber, ser direcionado para tornar o mundo inteligível ou para tentar construir uma crença para o leitor – fazer o leitor crer no discurso escrito nas páginas do jornal.

Assim, Charaudeau (2006, p. 44-45) caracteriza esses conhecimentos como:

Existencial: a percepção mental é determinada pela descrição da existência de objetos do mundo. (...) A enunciação informativa - serve para esclarecer uma conduta desejada ou imposta; Pode apresentar-se sob uma forma discursiva de definição (dicionários e manuais técnicos) ou indicações factuais: hora, direção, placas, ou pela imprensa (classificados); Evenemencial: a percepção mental é determinada pela descrição do que ocorre ou ocorreu, isto é, do que modifica o estado do mundo. (...) Numa enunciação informativa, serve para fazer ver ou imaginar (reconstituição), chamando atenção ora para o próprio processo da ação, ora para uma declaração, ora para a identificação dos atores implicados,



ora para as circunstâncias materiais; (...) Explicativa: a percepção mental é determinada pela descrição do porquê, do como e da finalidade dos acontecimentos. Numa enunciação informativa, serve para fornecer ao destinatário os argumentos para tornar inteligíveis os acontecimentos do mundo, ou seja, com fundamento na razão (CHARAUDEAU, 2006, p. 44 - 45).

Já os saberes de crença resultam da atividade do homem de comentar, avaliar e apreciar o mundo de acordo com as regras de vida de quem, no caso deste trabalho, escreve para o leitor – ou transmite uma informação. Ou seja, os saberes de crença são uma tentativa que o homem faz, de avaliação do mundo “quanto à sua legitimidade, e de apreciação quanto ao seu efeito sobre o homem e suas regras de vida” (CHARAUDEAU, 2006, p. 45).

#### c) efeito de verdade

Este último ponto tem a ver com o “acreditar ser verdadeiro” proposto por Charaudeau (2006). Assim, não precisa que seja realmente verdadeiro, mas que passe credibilidade. Um jornal que passa credibilidade ao leitor passa o efeito de verdade a ele e, portanto, quem lê o jornal acredita ou pressupõe que o que está escrito é verdadeiro.

Charaudeau (2006) ajuda a compreender como o discurso da informação modula o efeito de verdade. Primeiramente, quando a informação é pedida, o indivíduo precisa de “elementos de informação para nortear sua conduta” (CHARAUDEAU, 2006, p. 50). E quando a informação não é pedida o informado pode interpretar que o informador transmite a informação: ou 1) por iniciativa própria ou 2) por obrigação (CHARAUDEAU, 2006, p. 50).

Se for por iniciativa própria pode ser que o informador diga algo útil para o informado e este passa a ser devedor do informador. Ou então o informador age por interesse pessoal como forma de “despistamento (fazer crer na importância de uma notícia para não abordar certos temas de discussão) ou mesmo de intoxicação (vazamento proposital de informações) ou de barrigas (plantar uma notícia falsa)” (CHARAUDEAU, 2006, p. 51).

No caso de a motivação ser a obrigação, Charaudeau (2006) diz que o informado é levado a acreditar que o informador teria o desejo de reter a informação: “a fim de evitar o surgimento de um contra-poder (frequente no domínio político) ou (...) a fim de se preservar. (...) Essa obrigação de informar pode ter origem em grupos de pressão, em autoridades ameaçadoras” (CHARAUDEAU, 2006, p. 51 - 52).



Outro ponto também deve ser analisado no discurso da informação: o crédito que se pode dar a uma informação. Tudo depende do efeito de verdade de quem informa tendo Charaudeau (2006) separado esses informadores em: informador com notoriedade; informador plural; e informador na forma de um organismo especializado.

O informador com notoriedade vem a ser uma pessoa pública que deveria, por sua posição social, não esconder informações de utilidade pública. Além disso, o que ele informa é digno de fé. Quando o informador é plural, a informação vem de várias fontes, o que provoca um reforço, “de confirmação de verdade” (CHARAUDEAU, 2006, p. 53). Quando as informações divergem, promovem “o confronto de testemunhos e de opiniões contrárias que devem permitir ao sujeito que se informa construir sua própria verdade consensual” (CHARAUDEAU, 2006, p. 53). Por último, quando o informador é um organismo especializado e trabalha em coletar e guardar as informações (CHARAUDEAU, 2006, p. 53).

### **Análise do discurso do Diário do Nordeste**

As matérias sobre a população de rua de Fortaleza foram publicadas, no jornal Diário do Nordeste, nos meses de janeiro, fevereiro, março, abril, julho, agosto, setembro e outubro. Nesse período foram 9 (nove) matérias distribuídas entre as editorias de Cidade, Caderno 3, Gente, Opinião e Negócios.

A maior quantidade de textos sobre a população de rua de Fortaleza foi publicada na editoria Cidade. Em comparação com outras notícias, esta categoria concentrou 43% das publicações do jornal sobre o tema deste trabalho.

Tomando-se em consideração esses aspectos podemos, então, passar à análise do discurso da informação do jornal, por meio do qual o analista estabelecerá as regularidades no funcionamento dos discursos, como observou Orlandi (2005).

### **Diário do Nordeste – textos informativos**

O jornal Diário do Nordeste afirma-se em sua missão institucional como “provedor da informação com independência, imparcialidade e respeito pelos princípios



éticos, contribuindo para a formação da cidadania, com sustentabilidade, e sendo um instrumento de defesa dos valores democráticos”. No expediente do jornal, declara-se “comprometido com negócio, cordialidade, respeito e confiança”. Além da “credibilidade, entusiasmo, ética, independência, inovação, responsabilidade socioambiental, qualidade e valorização das pessoas”.

Em sua análise tomaremos como ponto de partida o que foi discutido a partir de Charaudeau (2006), Orlandi (2005) e Brandão (2012). Além disso, para facilitar a sistematização do corpus deste trabalho, apresenta-se a tabela 1 abaixo, enumerando os textos informativos a serem analisados. Nela constam os títulos das matérias e as datas por ordem cronológica:

Textos informativos		
Número	Editoria/Título	Data
01	Cidade/Viadutos viram casas e restaurantes	10/01/2012
02	Cidade/Orla da Beira-mar vira dormitório	19/01/2012
03	Cidade/Periferia domina mercado do Crack	28/01/2012
04	Cidade/Insegurança afasta fiéis de Igreja	13/04/2012
05	Cidade/Mais de 1/3 dos moradores de rua vêm do interior	11/07/2012
06	Cidade/Família é removida de viaduto da Antônio Sales	04/08/2012
07	Cidade/Protesto cobra direitos de moradores de rua	20/08/2012
08	Cidade/80% das pessoas em situação de rua da capital são do interior	26/09/2012
09	Cidade/Morador de rua morto a pedradas	06/10/2012

*Tabela 1: Textos informativos do Diário do Nordeste publicados em 2012 sobre população de rua.*

Destacamos nesta análise as matérias 01, 02 e 06 que discutiram o fato de pessoas estarem morando nas ruas da capital. Através dos discursos diretos e indiretos, o jornal marcou e localizou o próprio discurso, formando-o através da fala de entrevistados. Exemplo disso é quando o repórter escreve com as próprias palavras o que o entrevistado quis dizer (discurso indireto) e depois complementa este tipo de discurso com o direto – aquele marcado pelo uso de aspas. Por exemplo, o texto número



nº 01 diz: "Para o motorista Antônio de Souza, é preciso que a prefeitura retire as pessoas desse local devido ao perigo que elas levam para o restante da população".

Ele indica de maneira indireta o que o motorista pensa a respeito das pessoas estarem morando nas ruas. Para complementar o discurso, o repórter utiliza o que seria a fala de um entrevistado como foi dita. Ele faz isso indicando a fala através de índices que manifestam a fala não marcada, ou seja, o uso de aspas: "'Alguns elementos que moram ali praticam assalto e, por isso, deixam todos que passam com muito medo', reclama."

As três matérias citadas acima tratam do mesmo tema - as condições das pessoas que vivem nas ruas da Capital - a mecânica de construção do sentido pode ser percebida quando, no processo de semiotização de transformação, as matérias nomeiam e qualificam a população de rua como população menos favorecida, famílias, moradores, essas pessoas, casal, homem e mulher, pessoas em situação de rua, pedintes, excluídos da sociedade.

Ainda no processo de semiotização de transformação, o jornal tenta transformar o mundo a ser significado em mundo significado ao narrar (descrever ações), argumentar (fornecer os motivos dessas ações) e modalizar (avaliar seres, propriedades, ações e motivos). Assim, as matérias oferecem detalhes de como é a condição de vida e moradia da população de rua e do que os cidadãos pensam sobre eles.

Nos dois primeiros parágrafos, o lead e o sublead da matéria nº 01, pode-se visualizar como o repórter narrou, argumentou e modalizou o discurso. Observa-se que para dar sentido à ocupação da população menos favorecida a locais inadequados, o repórter começa falando que Fortaleza cresce constantemente e junto com a cidade, a população de rua acaba ocupando seus espaços também. No segundo parágrafo, narra-se como esses locais são ocupados: "Enquanto os três moradores dormiam em colchões, pedestres disputavam espaço com uma cozinha improvisada, prateleiras e caçambas de lixo".

Já na matéria nº 02, a fala dos entrevistados foi utilizada para narrar a situação em que os cidadãos passavam por causa da falta de higiene da população de rua. Os entrevistados falaram que pessoas acabam pegando micose quando entram em



contato com a areia da praia porque o ambiente é sujo pelos moradores de rua. Através dos entrevistados, ainda, a matéria tenta trazer soluções para resolver a situação de quem mora nas ruas e do constrangimento dos turistas, que não foram entrevistados na matéria. Além disso foram utilizados discursos diretos evidenciados pelo uso de aspas e que demonstram a heterogeneidade deste discurso.

Percebe-se, portanto, que as matérias de nº 01, 02 são construídas através de um informador plural, em que as informações dos entrevistados convergem quando os cidadãos falam de pessoas que moram nas ruas de maneira uniforme, com discursos que caminham para ideias como, por exemplo, tirar as pessoas das ruas porque elas atrapalham os pedestres e turistas de alguma maneira, além de dizer que elas são abandonadas pelo poder público. E as informações divergem quando a Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas), da prefeitura de Fortaleza (CE), diz que os moradores de rua são atendidos e assistidos pelo órgão, têm um espaço para passar a noite e voltam para as ruas por conta da dependência química. Assim, quando o jornal traz a fala de cidadãos comuns e da Semas, existem dois graus de engajamento do jornal como informador: aquele que o informador explicita ser engajamento sob a forma de convicção e quanto ao uso da como fonte Semas, o jornal utiliza um informador com notoriedade, ou seja, o jornal explicita seu engajamento em que a informação não tem contestação.

Nesses casos, a informação pedida pelo jornal para construir o discurso tanto para os fortalezenses, quanto para os órgãos municipais dá ao informante um saber, ou seja, o jornal norteia o discurso através do discurso desses diversos informadores, moldando o efeito de verdade para o leitor.

O texto de nº 06, diferentemente das duas reportagens citadas acima, foi quase que exclusivamente construído com a fala de moradores e ex-moradores de rua. Desta vez, pessoas que falam como quem sabe a realidade de quem mora nas ruas foram ouvidas para que o que diziam fosse utilizado na mecânica de construção do sentido. No processo de semiotização de transformação, narraram, argumentaram e modalizaram o porquê de algumas pessoas passarem a viver nas ruas. No caso da família de Francisca das Chagas e César Henrique, personagens desta matéria, eles estavam embaixo do



viaduto da avenida Antônio Sales porque perderam a casa que ganharam da Prefeitura para traficantes.

Já no segundo processo da mecânica de construção do sentido, no processo de transação, buscam-se hipóteses para que se expliquem os motivos das matérias. Nas matérias nº 01 e 02, as hipóteses do porquê as pessoas morarem nas ruas vieram de cidadãos que não eram moradores de rua. Já na nº 06, tal explicação foi dada pelos próprios moradores de rua que explicaram os seus motivos de terem abandonado seus lares.

Quanto à natureza do saber, os saberes de conhecimento dessas matérias caracterizam-se por serem evenemenciais e explicativos. Evenemenciais quando utilizam a declaração dos atores implicados, que são os moradores de rua, no caso da matéria nº 06. E explicativos quando, nas matérias de janeiro, foi descrito o porquê dos turistas e cidadãos se incomodarem com a presença de pessoas dormindo nas ruas.

Os motivos foram a falta de higiene, a insegurança e a vergonha que é para a cidade ter pessoas dormindo nas ruas. Também o texto da matéria de agosto preocupa-se em explicar o motivo que leva as pessoas a abandonarem suas casas e viverem nas ruas: o envolvimento de algum membro com o tráfico de drogas.

Apesar dos textos do Diário do Nordeste estudados até aqui serem de caráter informativo, e não opinativo, os repórteres construíram saberes de crença, a medida que comentaram, avaliaram e apreciaram o mundo. O saber de crença que se manifestou nos textos revelam pelo menos dois discursos: no caso das matérias nº 01 e 02, que mostraram que as pessoas se incomodam com os moradores de rua por trazerem sujeira, insegurança e ocuparem espaços que deveriam ser de pedestres e turistas; na matéria nº 06 mostra-se a realidade de duas famílias que foram parar nas ruas por causa das drogas.

Além disso, como diz Orlandi (2005), as palavras mudam de sentido de acordo com as posições daqueles que as empregam. Exemplo disso, nas matérias nº 01 e 02, é que a palavra morador de rua é mostrada com distância por sair da fala de pessoas em um nível social diferente de quem vive nas ruas e na matéria nº 06 os entrevistados são os próprios moradores de rua, então, não se faz essa distinção de classe entre os entrevistados.



Nas três matérias a heterogeneidade discursiva se manifesta pois foram construídas pela declaração de diferentes pessoas, além da visão do repórter (comerciante, vendedor ambulante, motorista, assessoria de imprensa da Semas, outras secretarias municipais de Fortaleza, o coordenador do Serviço Especializado de Abordagem de Rua, entre outros). Para a matéria n. 06, focada na população de rua, o repórter entrevistou uma ex-moradora de rua, a assessoria do programa Habitafor<sup>4</sup> da Prefeitura de Fortaleza, uma aposentada que é moradora de rua e a assessoria da Semas.

Quanto ao plano enunciativo do discurso, conforme descrito por Brandão (2012, p.29), o locutor ou repórter mostra-se de maneira direta com a intenção de influenciar o outro, ao descrever o que viu nas ruas de Fortaleza e quando utiliza a variedade de discursos dos entrevistados para construir um só.

E o plano enunciativo da história manifesta-se no uso de fatos narrados e verbos empregados no passado: "na manhã de ontem"; "a reportagem esteve no local e flagrou"; "há seis anos"; "começou"; "cheguei"; "já falou"; "comentou". A diferença é que as matérias de nº 01 e 02 utilizam o plano enunciativo da história para tornar evidente que não é de hoje que se tem pessoas dormindo nas ruas. E na matéria de nº 06 este recurso é utilizado para mostrar como eram as condições de vida de pessoas em situação de rua e como estão depois de sua saída das ruas.

Na matéria nº 06 os informadores plurais contam a história de famílias que moravam ou moram nas ruas. Há também o informador com notoriedade, caracterizado pelos órgãos da Prefeitura. Esses informadores convergem na informação quando relatam que casas são oferecidas para pessoas em situação de rua, mas elas perdem muitas vezes por conta do envolvimento de algum parente com o tráfico de drogas. Assim, a informação pedida para os entrevistados modula o efeito de verdade, norteando o leitor a entender que a Prefeitura acompanha as pessoas que moram nas ruas, fornece benefícios de moradia, acolhimento e tratamento, mas que elas voltam para as ruas por causa da drogadição.

A mudança de enfoque da cobertura do Diário de Nordeste, destacada na comparação entre os textos 01 e 02 com o texto 06, pode ser atribuída a uma pesquisa apresentada pela Semas - que foi publicada no texto 05 ("Mais de 1/3 dos moradores de

---

<sup>4</sup> Programa de habitação da Prefeitura de Fortaleza para pessoas de baixa renda.



rua vêm do interior"). A partir desses dados, o jornal preocupou-se em falar sobre o tema moradores de rua a partir do relato dos próprios moradores, como na matéria de n. 06 que analisamos. Ainda assim em todos os textos a ênfase era de que as pessoas precisam ser removidas das ruas: antes, com o argumento de que a cidade precisava se tornar mais limpa; depois da pesquisa, o discurso passou a ser justificado pela necessidade de os moradores de rua serem removidos para terem melhor condição de vida.

### **Considerações finais**

Nossa pesquisa percebeu uma regularidade quanto aos textos informativos do jornal. Notícias estas que influenciariam a visão do fortalezense sobre que cenário a cidade teria em relação à presença da população de rua na capital do Ceará.

Após a divulgação de uma pesquisa pela Semas, o único discurso que permaneceu nos textos informativos do jornal Diário do Nordeste foi o de que a população de rua precisava ser retirada, porém, se antes essa remoção era para tornar os lugares da Cidade mais limpos e melhores de se frequentar por turistas, principalmente, depois da pesquisa da Semas, a retirada era para dar melhores condições de vida aos moradores de rua.

Os textos tinham uma mecânica de construção do sentido em comum em matérias que os moradores de rua não eram entrevistados e nas que eles eram. Quando a população de rua tinha voz, eles eram nomeados e qualificados por seus nomes: Francisco, Maria das Chagas. E quando eles não eram entrevistados, eles eram nomeados como desocupados, viciados, sujos, assaltantes, dentre outros. Reflete-se, então, para esta construção do discurso sem procurar saber da realidade de quem se fala: a população de rua.

A narração, argumentação e modalização dos discursos da informação passavam pelos discursos diretos e indiretos e foi modificado ao longo do ano, como já foi dito. E no processo de transação, dando significação ao ato de informar, o jornal agia como denunciador de um fato e cobrava uma solução por parte da Prefeitura quando publicava mais de uma vez: a família embaixo do viaduto continua morando lá; a



família da Praça da Estação está há meses no local; o jornal já denunciou o caso e nada foi feito.

Assim, a natureza de saber era muitas vezes existencial, pois o local onde estavam os moradores de rua precisam ser descritos e indicados para os leitores como locais da sujeira, do assalto, do sequestro.

Na maioria das vezes, o discurso publicado pelo jornal a respeito da população de rua era fundamentado em opiniões de quem não morava nas ruas. Além disso, houve uma relativa uniformidade na informação passada ao leitor e a cobertura das mídias sobre a população de rua se estendeu a poucos bairros de Fortaleza.

### **Referências bibliográficas**

BRANDÃO, Helena Nagamine. "Enunciação e construção do sentido" in FIGARO, Rosali (org.) **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. tradução Angela S.M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

DANTAS, Daniel. **A argumentação como elemento discursivo na mídia digital**: um estudo sobre o blog "Fatos e dados". Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Natal, 2012.

LEMOS, Daniel Dantas. **Discurso e argumentação no Blog "Fatos e Dados" da Petrobras**. Feira de Santana, BA: Curviana, 2013.

ORLANDI, Eni Puccineli. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.